**MARLENE DA SILVEIRA DOMINGOS RIBEIRO**

**SEXUALIDADE E AFETIVIDADE: UM OLHAR DO GESTOR QUANTO A SEXUALIDADE NA ESCOLA**

**UNIVERSIDADE DO VALE DO SAPUCAÍ – UNIVÁS**

**POUSO ALEGRE**

**2012**

**MARLENE DA SILVEIRA DOMINGOS RIBEIRO**

**SEXUALIDADE E AFETIVIDADE: UM OLHAR DO GESTOR QUANTO A SEXUALIDADE NA ESCOLA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Pós-graduação em Gestão Educacional da Universidade do Vale do Sapucaí como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Gestão Educacional sob orientação da profa Neide Pena Cária.

**UNIVERSIDADE DO VALE DO SAPUCAÍ – UNIVÁS**

**POUSO ALEGRE**

**2012**

RIBEIRO, Marlene da Silveira Domingos. **Sexualidade e Afetividade**: um olhar do Gestor quanto a sexualidade na escola. Artigo – Curso de Pós-graduação em Gestão Educacional, Universidade do Vale do Sapucaí, Pouso Alegre. 2012.

**RESUMO**

Este artigo tem o objetivo de analisar a partir de uma pesquisa bibliográfica como o gestor escolar, deve-se preparar e comportar diante das questões afetivo sexual na escola. De acordo com Nachard (2010), essa iniciativa, a forma de ação de como lidar com assuntos que dizem respeito da sexualidade na escola, surge buscando tentar esclarecer essas práticas. Demonstra ainda, queé preciso alertar para a necessidade real e imediata do acesso à formação específica, por parte de todos os profissionais da educação, sem permitir que alguns fujam de sua responsabilidade, já que compete a todos educadores passar informações verdadeiras a seus educandos. Desta forma estaremos contribuindo para que crianças e jovens possam desenvolver e exercer sua sexualidade com prazer e responsabilidade. Esse período é recheado de mudanças, marcado por incertezas e, a fuga a esclarecimentos necessários contribuirá ainda mais para a instalação dessas incertezas, ou na busca por respostas que não serão tão esclarecedoras quanto seria necessário nessa fase tão difícil e tão importante na vida de cada um. A escola ao propiciar informações atualizadas do ponto de vista científico e explicitar os diversos valores associados à sexualidade e aos comportamentos sexuais existentes na sociedade, possibilita ao aluno desenvolver atitudes coerentes com os valores que ele próprio elegeu como seus (PCN’s, 1997, v. 10).

**Palavras-chave:** Sexualidade. Afetividade. Gestor. Preparação profissional**.**

RIBEIRO, Marlene da Silveira Domingos. **Sexualidade e Afetividade**: Um Olhar do Gestor Quanto a Sexualidade na Escola. Artigo – Curso de Pós-graduação em Gestão Educacional, Universidade do Vale do Sapucaí, Pouso Alegre. 2012.

**ABSTRACT**

This article aims to analyze from a literature search as the school manager, must be prepared and behave in the face of emotional sexual issues at school. According Nachard (2010), this initiative, the mode of action for dealing with matters related to sexuality in school, comes looking to try to clarify these practices. It also demonstrates that it is necessary be aware need real and immediate access to specific training on the part of all education professionals, without allowing some to escape their responsibility, as it is for all educators to pass accurate information to their students. Thus we will be contributing to children and young people can develop and practice their sexuality with pleasure and responsibility. This period is full of changes, marked by uncertainties, and the trail to help further clarification needed for the installation of these uncertainties, or searching for answers that will not be as enlightening as it would be necessary at that stage so difficult and so important in the life of each a. The school to provide updated information from the scientific point of view and explain the various values ​​associated with sexuality and sexual behavior in society enables students to develop attitudes consistent with the values ​​that he himself has chosen as his (PCN's, 1997, v. 10. .)

**Keywords**: Sexuality. Affectivity.Manager.Professional Preparation.

**SUMÁRIO**

|  |  |  |
| --- | --- | --- |
| **INTRODUÇÃO..................................................................................................................** | | **06** |
| **2** | **O ASPECTO LEGAL DA EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA....................** | **07** |
| **3** | **SEXUALIDADE NA ADOLESCENCIA.............................................................** | **08** |
| **4** | **CONCEITO DE EDUCAÇÃO SEXUAL............................................................** | **09** |
| **5** | **VISÃO DE EDUCAÇÃO: CONSTITUIÇÃO DE IDENTIFICAÇÕES...........** | **11** |
| **5.1** | **Caracterizando a Adolescência ................................................................................** | **13** |
| **5.2** | **Definições de Adolescência .......................................................................................** | **14** |
| **5.3** | **Caracterizando a Sexualidade .................................................................................** | **15** |
| **6** | **O PAPEL DO GESTOR ESCOLAR NO TRABALHO DE ORIENTAÇÃO SEXUAL ....................................................................................................................** | **16** |
| **CONSIDERAÇÕES FINAIS............................................................................................** | | **18** |
| **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.............................................................................** | | **19** |

**INTRODUÇÃO**

Esse artigo surgiu da observação efetuada no decorrer da minha experiência no trabalho como supervisora pedagógica, na escola estadual na zona rural. No cotidiano escolar, tanto os gestores como os professores se vêm de frente com a prática de manifestações sexuais, masturbação em sala de aula, palavras ditas obscenas, e atitudes de intimidades com os colegas causando indisposições no convívio escolar.

A educação afetivo sexual foi introduzida nos parâmetros curriculares em 1.995 e nas diretrizes curriculares nacionais propostas pelo MEC e, ainda hoje é um dos aspectos muito importante na formação de profissionais para a educação, entre eles o gestor escolar.

No caso do gestor, algumas questões se fazem importantes: Como líder do processo escolar, qual o papel do gestor quanto ás manifestações da sexualidade na escola? Como gestor pode se preparar para lidar as ocorrências com as quais se defrontam no dia a dia da escola? Qual é o seu papel com relação à formação de professores para o trabalho educativo com relação à sexualidade na escola e quanto às ocorrências do cotidiano.

Figueiró (2001) salienta, ainda, que a “[...] educação sexual refere-se a toda ação ensino-aprendizagem sobre a sexualidade humana, seja o nível do co­nhecimento de informações básicas, seja no nível do conhecimento e/ou discussão e reflexão sobre valores, normas, sentimentos, emoções e atitudes relacionadas à vida sexual.” Assim o termo educação sexual é considerado como o mais correto:

[…] o próprio termo educação sexual é mais adequado, na medida em que se abre espaço para que a pessoa que aprende seja considerada sujeito ativo do processo de aprendizagem e não mero receptor de co­nhecimento e/ou de orientação, como sugerem as outras terminolo­gias: orientação, informação, instituição. (FIGUEIRÓ, 2001, p. 154).

**2 O ASPECTO LEGAL DA EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA**

Em 1995 o Ministério da Educação e Cultura – MEC coordenou a elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais que incluiu a orientação sexual como um dos “temas transversais” a serem abordados no contexto escolar. A introdução da temática sexualidade nos currículos escolares brasileiros foi também instituída pelas Diretrizes Curriculares Nacionais em 1997, não como disciplina, mas como conteúdo a ser incorporado às matérias já existentes, “atravessando” o currículo.

No final do século XX, principalmente nas últimas décadas, a abordagem da sexualidade vem ocupando significativos espaços nos meios de comunicação tornando-se centro de discussões entre membros de diferentes segmentos sociais mediante os avanços e retrocessos, visto que o tema envolve valores, crenças, conceitos e pré-conceitos, historicamente arraigados e socialmente construídos.

No Estado de Minas Gerais, o tema foi regulamentado pela Lei 12.491/97 que determina a inclusão de conteúdo e atividades voltadas para a orientação sexual no currículo fundamental e dá outras providencias.

Art. 1°- Os estabelecimentos do ensino fundamental da rede estadual incluirão, no programa de ensino da matéria de Ciências Físicas e Biológicas, integrantes da base nacional comum, conteúdo e atividades voltadas para a orientação sexual.

Na proposta dos PCN, o profissional responsável pela orientação sexual deverá ser, não necessariamente um professor de Ciências, mas o pré-requisito está em ter as características indispensáveis à abordagem:

O profissional que se responsabiliza por esse trabalho pode ser um professor de qualquer matéria, ou educador com outra função na escola - orientador educacional, coordenador pedagógico ou psicólogo, por exemplo. O importante é que seja alguém que tenha bom contato com os alunos e, portanto, um interlocutor confiável e significativo para acolher as expectativas, opiniões e dúvidas, além de ser capaz de conduzir debates sem impor suas opiniões.

Não constitui pré-requisito que o professor seja da área de ciências biológicas que comumente associada à sexualidade, já que não se trata de abordagem predominantemente biológica da sexualidade. Importa é que tenha interesse e disponibilidade para esse trabalho, assim como flexibilidade e disposição pessoal para conhecer e questionar seus próprios valores, respeitando a diversidade dos valores atribuídos à sexualidade na sociedade atual (BRASIL, 1999, p 332).

Os PCN (1998) citam que a Orientação Sexual deve ser abordada de duas formas: a) dentro de uma programação, por meio dos conteúdos, ou seja, transversa-lizados nas diferentes áreas do ensino; b) extra programação, sempre que surgirem questões relacionadas ao tema. Não se trata, portanto, de criar novos conteúdos, e sim, desvendar a dimensão da sexualidade em geral, oculta ou estereotipada nos conteúdos específicos de cada disciplina.

**3 SEXUALIDADE NA ADOLESCENCIA**

A sexualidade envolve nosso corpo, nossa história, nossos costumes, nossas relações afetivas, nossa cultura e não apenas sexo. Ela envolve todas as formas, jeitos, maneiras como as pessoas expressam a busca do prazer, podendo ser prazer pela dança, por esportes, pelo próprio corpo, pela relação sexual entre outras.

De acordo com Souza (2002, p.36), “Sexualidade é o conjunto de fenômenos da vida sexuada de um homem e de uma mulher, desde que nascem até o final de suas existências”. A sexualidade é reconhecida como um instinto com o qual as pessoas nascem e que se expressa de forma distinta, não se iniciando apenas na fase da adolescência. Assim, a sexualidade começa a ser desenvolvida logo após o nascimento da pessoa e continua até o final de sua vida.

Quando se fala em sexualidade, percebe-se que os adolescentes estão cercados por adultos que acreditam que ela se inicia apenas na fase da adolescência e que envolve somente erotismo, sensualidade, relacionamento amoroso e sexual. Isso torna difícil a orientação e informação dos jovens, pois muitos gestores, professores e pais têm dificuldades em falar sobre esse tema, sentem-se constrangidos, inseguros e com medo para falar sobre sexualidade e, assim, aguçar nos jovens a curiosidade de um relacionamento sexual, ou seja, a iniciação sexual precoce. Segundo TIBA (2005, p.43) a puberdade “... começa nas meninas por volta dos 8-10 anos e nos meninos, entre 9 e 11 anos.”. Segundo o mesmo autor (2005, p.292), "a puberdade marca o final da infância e o início da adolescência, determinado pela produção de hormônios sexuais”. Assim a puberdade é um desenvolvimento mais biológico ou físico e a adolescência é psicológico, social, além de biológico.

Para Suplicy (2000)

[...] cabe à escola, a transmissão dos princípios democráticos éticos. Que são o respeito pelo outro, o respeito por si mesmo, o respeito à pluralidade de opiniões. À família cabe transmitir os valores morais que a escola não tem condição de dar, e isso não dá para delegar, a família tem de explicitar o que acha não, isso não é um consenso social.

Segundo a OMS (Organização Mundial da Saúde), a adolescência é um período do desenvolvimento humano que se estende, aproximadamente, dos 10 aos 19 anos de idade, sendo caracterizado por uma revolução biológica, psicológica e social. É um período de grande crescimento e transformações, onde tudo é vivido com muita intensidade e curiosidade.

**4 CONCEITO DE EDUCAÇÃO SEXUAL**

Segundo Santos (2001) Educação Sexual é um conjunto de informações desenvolvidas de forma assistemática sobre sexualidade. Esse processo é global, não intencional, e envolve toda a ação exercida sobre o indivíduo no seu cotidiano. Essa forma de intervenção é denominada, segundo alguns autores, como informal. Surgindo no seio familiar, tende a reproduzir nos jovens os padrões de moralidade de uma dada sociedade.

Já o Guia de Orientação Sexual (1994, p. 8) denomina como sendo “aquela que inclui todo o processo infantil pelo qual aprendemos sobre sexualidade ao longo da vida, seja através da família, da religião, da comunidade, dos livros ou da mídia.”.

Em sentido comum, Educação Sexual diz respeito ao conjunto de valores transmitidos pela família e ambiente social, percorrendo toda a vida, com influência da cultura, da mídia (rádio, TV, revistas...), dos amigos, da escola, e nos permite incorporar valores, símbolos, preconceitos e ideologias. Todos nós somos educadores sexuais, logo todas as pessoas são educadas sexualmente.

A afirmação de Ribeiro (2005) ajuda a ilustrar esse fenômeno: A mídia, e no caso especificamente a TV, exerce uma influência significativa no cotidiano de todos nós. Em relação às crianças e jovens, então, nem se fala, principalmente por estarem na fase de formação dos valores, conceitos, modelos de conduta e comportamento sexual (...).

Sabemos que a exposição precoce da criança a cenas de sexo e violência, de forma degradante, pornográfica e sem nenhum critério, pode interferir no seu desenvolvimento emocional. A criança armazena todo tipo de informação que recebe. Por isso, devemos ter qualidade nessa informação... [...] tem pais que não estão sabendo zelar pelo que seus filhos está assistindo. A televisão passou, então, a ser uma eficiente “babá eletrônica”.

Conforme Papalia e Olds, (2000), a família é uma instituição mutável que transforma e é transformada pela sociedade. É a família que, pela adoção de certas regras comunicativas e conceituais, abre espaço para as mudanças sociais. Em contrapartida, a família se redimensiona por conta das pressões sociais originárias dessas mudanças. E configura-se, então, um movimento permanente de oposição entre valores e regras da herança familiar e valores e regras da urgência do tempo presente.

Na discussão sobre a família do adolescente é importante refletir sobre o processo de interações prévias, uma vez que a conjunção no presente tem um passado, uma história. Os possíveis problemas e dificuldades que a família desenvolve no relacionamento com seus adolescentes são construídos ao longo da vida. Apesar de a família ser o grupo social que deveria proporcionar um ambiente para trocas, liberdade de decisão e escolhas, ela ainda estão encontrando dificuldades em abrir espaços para discussão com seus filhos.

Segundo TIBA (2005, p.99) “Tudo tem seu tempo adequado na vida. Mas, os jovens não tem tempo para esperar. Cabe aos pais arrefecê-los um pouco para que caiam na realidade e não compliquem as suas vidas e a dos outros que os amam”.

**5 VISÃO DE EDUCAÇÃO: CONSTITUIÇÃO DE IDENTIFICAÇÕES**

A adolescência constitui-se em uma vivência fundamental na constituição identitátia, permeada por mudanças, remodelamentos e vínculos primários em relação ás figuras parentais, revisando assim, seus objetivos internos e sua identidade. ( JORDÃO 2008, p.157).

Portanto o adolescente está em vias de transformações, imenso em um processo de revisão de seu mundo interno e a suas heranças infantis, visando à adaptação no novo corpo, às novas pulsões, decorrentes desta fase.

Como afirma Barbosa, (2000, p79-81) Os documentos referenciados pelos PCN recomendam também que as políticas educacionais devem ser suficientemente diversificadas para que a educação não se torne mais um fator de exclusão social. Enfatiza que os tempos e os campos da educação devem ser repensados, completar-se e interpenetrar-se, como forma de cada indivíduo tirar proveito de todos os ambientes educativos ao longo de sua vida. Para tanto, a educação dos indivíduos deverá ser fundada em quatro pilares:

1. **Competência pessoal**: Todo ser humano deve ser preparado, especialmente graças à educação que recebe na juventude, para elaborar pensamentos autônomos e críticos e para formular seus próprios juízos de valor, de modo a poder decidir, por si mesmo, como agir nas diferentes circunstâncias da vida.
2. **Competência social**: Passar a descoberta do outro necessariamente pela descoberta de si mesmo e por dar à criança e ao adolescente uma visão ajustada do mundo, a educação, seja ela dada pela família pela comunidade ou pela escola, deve antes de mais nada ajudá-los a descobrir a si mesmo. Só então poderão verdadeiramente pôr-se no lugar dos outros e compreender suas reações. Desenvolver essa atitude de empatia na escola é muito útil para os comportamentos sociais ao longo de toda a vida.
3. **Competência produtiva:** Aprender a conhecer e a fazer são, em larga medida, indissociáveis. Mas a segunda aprendizagem está mais ligada à questão da formação profissional: como ensinar o aluno a levar à prática seus conhecimentos e também como adaptar a educação ao trabalho futuro, quando não se pode prever qual será sua evolução.
4. **Competência cognitiva:** Este tipo de aprendizagem não visa tanto a aquisição de um repertório de saberes codificados, mas antes o domínio dos próprios instrumentos do conhecimento. Pode ser considerado como um meio e uma finalidade da vida humana. Meio, porque se pretende que cada um aprenda a compreender o mundo que o rodeia, pelo menos na medida em que isso é necessário para viver dignamente, desenvolver suas capacidades profissionais e se comunicar. Finalmente, porque se baseia no prazer de aprender, de conhecer, de descobrir.

Através dessa concepção educacional, a UNESCO (1996) reconhece a mutualidade e complexidade e da vida atual, em que a comunicação e a informação ocupam lugares preponderantes, exigindo que a educação escolarizada permita que as novas gerações tomem consciência de sua identidade em relação à convivência social e adquiram responsabilidades diante da vida e do mundo. Essa visão inspira fortemente o artigo, no sentido de definir o papel da escola e das propostas pedagógicas, enfatizando o principio vital da sexualidade como necessariamente integrado às práticas pedagógicas. Isso porque, de outra forma, seria impossível aprender a ser, a viver em grupo, conhecendo e fazendo, se ignora o lugar do desejo, do prazer e da responsabilidade.

No terceiro milênio entendemos que a educação é parte do processo civilizatório e, portanto, da redemocratização da sociedade brasileira. Nossa perspectiva é, pois, considerar a sexualidade humana como um princípio vital, que constitui a identidade pessoal e coletiva do individuo, sendo assim parte integrante de quaisquer atividades educacionais.

Ao definir o ser humano, algumas teorias psicológicas enfatizam certos aspectos em detrimento de outros, especialmente no que diz respeito à dualidade afeto/racionalidade. A psicologia genética de Jean Piaget (1980) e seus seguidores – responsáveis por notáveis avanços na compreensão das estruturas de pensamento e desenvolvimento da racionalidade e lógica humanas e, portanto, de seus comportamentos morais mais avançados – prioriza uma parte apenas do processo. Essa parte, voltada para a razão e a lógica, deixa incompleta a compreensão sobre outras dimensões do comportamento humano, que estão intrinsecamente ligadas aos afetos, às emoções e aos sentimentos.

Se os educadores assumem o construtivismo piagetiano ortodoxo como única inspiração para seu trabalho pedagógico, estarão certamente reduzido sua compreensão e suas ações sobre as relações gestor- professor, professor-aluno, aluno-aluno e aluno – objeto do conhecimento às dimensões mais voltadas para lógica e a razão, reduzindo a importância do impacto dos afetos e sentimentos sobre a própria construção do conhecimento. Nessa perspectiva a questão da sexualidade e dos afetos passa a um segundo plano indesejável, num processo educacional que busca atender o educando em toda a sua dimensão.

**5.1 Caracterizando a Adolescência**

Segundo José Outeiral(2008)**.** A adolescência é um momento muito criativo em função, entre outras coisas, de ser um período de transformações. Nesta etapa da vida se conquista o chamado pensamento formal, que oportuniza a pessoa raciocinar sobre hipóteses e elaborar conclusões a partir delas.

Esta nova possibilidade de pensamento, exercitada pelo adolescente em seu dia a dia, propicia-lhe um novo tipo de relação com o mundo adulto. Entretanto, nem sempre as premissas de que se utiliza levam em conta a dimensão possível, do real. Para o adolescente é fácil encontrar soluções para os problemas da humanidade, muito embora a maioria delas não seja exequível na prática.

O caráter “mágico” que se estabelece entre o “pensado” e o “exequível” cria um espaço importante para desenvolver a criatividade que, de início, mostra-se através de uma atividade impulsiva, difusa e caótica (desde a ótica dos adultos), mas perfeitamente normal. Aos poucos a atividade criativa vai assumindo um perfil mais definido, mais integrado e produtivo. O período de transição, entretanto, necessita de um ambiente propício capaz de suportar as tensões dos momentos iniciais deste processo criativo peculiar, tanto na família como na escola.

A *criatividade* na adolescência articula-se necessariamente com a noção de *limites. “Limite* é uma palavra que tem, muitas vezes, uma conotação negativa ligada erroneamente “repressão”, “proibição”, “interdição”, etc.”, inclusive lembrando “repressão política”. No entanto, limite é algo muito além disso: significa a criação de um espaço protegido dentro do qual o adolescente poderá exercer sua espontaneidade e criatividade sem receios e riscos. ( OUTEIRAL2008,p.31e 37)

**5.2 Definições de Adolescência**

Segundo a OMS (Organização Mundial da Saúde), a adolescência é um período do desenvolvimento humano que se estende, aproximadamente, dos 10 aos 19 anos de idade, sendo caracterizado por uma revolução biológica, psicológica e social. É um período de grande crescimento e transformações, onde tudo é vivido com muita intensidade e curiosidade.

Para Leal (2000, p.23): “a adolescência e um período como tantos outros que, vistos ao longe com o distanciamento que os anos e os acontecimentos de vida posteriores permitem, não tem grandes historias”. Em uma perspectiva mais fisiológica, a Organização Mundial da Saúde – OMS entende que a adolescência e definida como um período biopsicossocial, em que ocorrem modificações corporais e de adaptação a novas estruturas psicológicas e ambientais, que conduzem o individuo da infância a idade adulta.

E um período em que ocorrem grandes modificações físicas, psicológicas e sociais que afetam o indivíduo. Para a OMS, e na adolescência que o individuo toma consciência das alterações que ocorrem no seu corpo, gerando um ciclo de desorganização e reorganização do sistema psicológico, diferente em cada sexo, com iguais complicações conflituosas inerentes a dificuldade de compreender a crise de identidade típica desse segmento etário.

Compreender a adolescência, seu conceito e suas metamorfoses, não e uma tarefa muito simples, tendo em vista que a mesma, e um período do ciclo da vida que tem sofrido algumas alterações ao longo da historia, quer relativamente à localização dos indivíduos no seio dos grupos, quer em relação as suas normas de conduta.

Por sua vez, os fenômenos demográficos têm exercido algumas influencias sobre o comportamento dos jovens, assim como, o processo de conhecimento de algumas ciências como, a antropologia, a sociologia, a biologia e a psicologia, que tem contribuído para o estudo do adolescente integrado no seu meio sociocultural. Assim, a adolescência apresenta características especiais em função das épocas em que vive, do ambiente cultural, social e econômico; onde cada geração e sempre confrontada com os problemas sociais de sua época. (BRACONNIER e MARCELLI, 2000).

**5.3 Caracterizando a Sexualidade**

A sexualidade pode ser considerada um dos momentos mais difíceis para o adolescente e seus pais, como também para a sociedade, principalmente devido à cultura relacionar o sexo com castigo e pecado. A masturbação entra, neste contexto, como um recurso defensivo contra as fantasias de consumação do incesto e, também, serve como uma revivescia do complexo de Édipo e do complexo de castração.

Na adolescência, a masturbação desvenda para o sujeito o fascínio da experiência orgástica e o deixa em estado de bem-estar com o próprio corpo. O estado de autoerotismo serve para o amadurecimento do ego do adolescente e, se este não for reprimido neste período, vai se reconhecer com um eu prazeroso, ajudando seu desenvolvimento psicossexual.

Neste período surge uma grande quantidade de excitação sexual, aliás, muito semelhante com a da vida adulta, embora com a diferença fundamental de que os objetos ainda são, inconscientemente, os mesmos que na infância.

O início da masturbação para Zimermam (2005) pode representar para os meninos um positivo aspecto de um sadio desenvolvimento psicossexual, levando em conta que os primeiros atos de masturbação indicam uma saudável curiosidade com a finalidade de conhecer o seu próprio corpo, uma forma de escoamento de fantasias e a possibilidade de entrar em contato com sensações que seriam privilégio exclusivo dos adultos.

Por conseguinte, continua em vigor a barreira do incesto, uma das razões pela qual a masturbação, na puberdade, desperta sentimentos de culpa, já que se pode considerá-la uma repetição do onanismo infantil, praticado com fantasias extraídas da constelação do complexo de Édipo. Onde a fantasia da cena primária se soma à fantasia do incesto, porém, se o incesto se consuma, esta cena primária se destrói. Então a masturbação assume um significado totalmente novo, o de defender o jovem do incesto, já que as fantasias incestuosas passam a ser possíveis.

Na realidade, o adolescente, diferentemente da criança, possui o órgão genital maduro, com o qual poderia consumar o incesto. A adolescência segundo Bardi, Leyton e Martinez (2003), caracteriza-se justamente por um período onde se encontra a maior frequência masturba tória. Essa conduta está presente em ambos os sexos, e o ato de repreender ou castigar um adolescente por masturbar-se pode acarretar sentimentos de culpa e vergonha em relação à sua sexualidade.

Becker (2003) considera que a evolução do jovem em direção ao estabelecimento de sua sexualidade madura e completa é um processo complexo, às vezes difícil, cheio de conflitos e crises e também de momentos maravilhosos de paixão, descoberta e realização. Quanto ao conhecimento da família sobre a atividade sexual da adolescente, ficam claras as barreiras de comunicação na família em relação ao assunto.

**6 O PAPEL DO GESTOR ESCOLAR NO TRABALHO DE ORIENTAÇÃO SEXUAL.**

As constantes mudanças sociais ocorridas no mundo indicam que a escola deve contemplar as exigências impostas pelas novas demandas da sociedade. Atualmente, as organizações escolares deparam-se com várias transformações e desafios que exigem posturas educativas inovadoras, trabalho coletivo e novas práticas pedagógicas.

De acordo com Nachard (2010), essa iniciativa, a da busca de informação e formas de ação de como lidar com assuntos que dizem respeito da sexualidade na escola surge buscando tentar esclarecer essas práticas. Demonstra ainda, que é preciso alertar para a necessidade real e imediata.

Nesse contexto, o desempenho do gestor escolar deve estar em sintonia com os novos padrões sociais através de ações que envolvam não só os aspectos organizacionais e operativos, mas também as dimensões pedagógicas e psicossociais do processo de ensino. De acordo com Penin& Vieira (2002, p.13), “a escola sofre mudanças de acordo com os momentos históricos, sempre que a sociedade defronta-se com mudanças significativas em suas bases sociais e tecnológicas, novas atribuições são exigidas da escola”. Frente a estas mudanças, a atuação do gestor é de suma importância na articulação da equipe escolar em prol de um trabalho escolar que atenda as demandas atuais.

As transformações também influenciaram os valores ligados à sexualidade, a exemplo dos novos arranjos familiares e das diferentes opções sexuais, observando-se ainda a evidência do número de crianças que sofrem abuso sexual, da gravidez na adolescência e do avanço das DST’s.

Para Luck (1998), perante esta realidade, o papel do gestor escolar não deve restringir-se ao gerenciamento administrativo e financeiro nem apenas a coordenação e controle de pessoal. O gestor também deve ser um líder pedagógico, apoiando o estabelecimento das prioridades, avaliando, planejando, organizando, professores e funcionários, enfatizando a importância dos resultados alcançados pelos alunos.

O mesmo deve criar um clima positivo e ser eficaz para solucionar conflitos visando o aprimoramento contínuo dos trabalhos escolares.

AfirmaJosé Outeiral.A escola não oportuniza somente a relação com o saber e, como uma atividade eminentemente grupal, tem também funções de socialização. Em busca de sua identidade, o adolescente encontra na micro sociedade da escola um sistema de forças que atuam sobre ele, onde, entre outras coisas, reedita seu ciúme fraterno, compete, divide, rivaliza, oprime e é oprimido, ou seja, reproduz o sistema social. É por esta razão que a escola, muitas vezes, pode detectar dificuldades no processo desenvolvimento do aluno, que aparece por inteiro na busca de si mesmo, e seu olhar sobre ele é, em geral, menos comprometido emocionalmente do que acontece com os pais.

A escola, enquanto espaço de formação política, cultural, econômica e também como um local sexualizado e generificado, como outras instâncias sociais, vem atuando na constituição dos sujeitos, através de diversos artefatos culturais como, por exemplo, os livros didáticos selecionados, os filmes, as revistas, os materiais didáticos que são indicados na escola (apostilas, textos, jogos, etc.) as roupas que são permitidas ou proibidas, a organização da sala de aula e de outros espaços, entre tantas outras práticas presentes na escola.

De acordo com Meyer (2009), as aprendizagens vinculadas às questões de gênero e sexualidade estão presentes nas práticas escolares formalmente e informalmente. Para a autora, essas temáticas atravessam as disciplinas que compõem o currículo escolar e estão imbricadas nos materiais que selecionamos e em nossas práticas enquanto educadores/as.

Assim, a escola vem realizando uma pedagogia da sexualidade, pois vem ensinando modos de ser, de estar e de se comportar, frequentemente legitimando algumas identidades de gênero e sexual como a heterossexualidade, por exemplo, e negando, menosprezando, subordinando outras.

Seu papel é promover um clima organizacional que favoreça um trabalho coletivo de trocas e interação formando um consenso sobre os valores e metas a serem alcançados. Neste contexto favorável, o gestor pode implantar alternativas para o trabalho de orientação sexual de modo que o mesmo não fique apenas a cargo dos professores, através das aulas de ciências. A escola não pode se omitir diante da relevância da sexualidade, visto que a mesma é parte integrante do desenvolvimento global do individuo.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

De acordo com Penin& Vieira (2002, p.13), “a escola sofre mudanças de acordo com os momentos históricos, sempre que a sociedade defronta-se com mudanças significativas em suas bases sociais e tecnológicas, novas atribuições são exigidas da escola”. Frente a estas mudanças, a atuação do gestor é de suma importância na articulação da equipe escolar em prol de um trabalho escolar que atenda as demandas atuais.

A Educação sexual ainda apresenta barreiras e tabus a serem ultrapassados, mesmo diante dos parâmetros nacionais observa-se que muitos gestores e educadores não tem se preocupado em desenvolver tais aprendizados. Enquanto muitos docentes calam-se diante da temática sexualidade, ela continua presente em qualquer escola. Muitos professores, sem uma preparação adequada repassam aos estudantes aspectos fundamentados no senso comum, que muitas vezes levam a uma compreensão errônea da sexualidade humana e não satisfazem as angustias e necessidades questionadas.

A função da escola é *educar*, isto é, conforme o significado etimológico da palavra, “colocar para fora” o potencial do indivíduo e oferecer um ambiente propício ao desenvolvimento destas potencialidades, ao contrário de *ensinar*, que é *in + signo*, ou seja, colocar “signos para dentro” do indivíduo. Evidentemente, quando a criança chega na escola, levando consigo aspectos constitucionais e vivências familiares, porém o ambiente escolar será também uma peça fundamental em seu desenvolvimento. (JOSÉ OUTEIRAL e CLEON CEREZER)

É necessário um aprofundamento maior por parte dos educadores, para que os estudantes possam compreender sua sexualidade pautada nos aspectos científicos. É papel de todo o corpo docente desenvolver esta temática, além de promover debates com toda comunidade escolar. A escola deve ser o local que leve a reflexões e discussões, repensando a sexualidade humana, sem preconceitos ou repressões.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BARBOSA, Rita de Cássia Ribeiro. **Liberalismo e reforma educacional**: os Parâmetros Curriculares Nacionais. 2000. Dissertação (Mestrado em Filosofia e História da Educação) – Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2000.

BECKER, Daniel. **O que é adolescência**. 13. ed. São Paulo: Brasiliense, 2003.

BRACONNIER, A. MARCELLI, D. **As mil faces da adolescência**. Lisboa: Climepsi Editores, 2000.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: apresentação dos temas transversais, ética. Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília; MEC/SEF, 1997. 146 p.

\_\_\_\_\_\_\_\_. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: pluralidade cultural, orientação sexual. Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997. 164p.

\_\_\_\_\_\_\_\_. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: apresentação dos temas transversais – terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998. 436 p.

DST/AIDS. **Educação e Saúde**. Mudando Atitudes. CNTE.CUT - BRASIL. Internacional da Educação. Folder. 2011

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. **Educação Sexual**: problemas de conceituação e terminologias básicas adotadas na produção acadêmico-científica brasileira. Semina: Ciências Sociais e Humanas, v. 17, n. 3, p. 286-293, set. 1996.

JORDÃO, Aline B. **Vínculos familiares na adolescência**: nuances e vicissitudes na clínica psicanalítica com adolescentes. Aletheia 21(1), p.157-172, jan/jun.2008.

LEAL, I. **Gravidez e maternidade na adolescência**: Sexualidade e Planejamento familiar. N.º 27/28. Julho/Dezembro, 23-26. 2000.

LEAL, Maria Lucia & Maria de Fatima (org). **Pesquisa sobre tráfico de mulheres crianças e adolescentes para fins de exploração sexual comercial no Brasil** – Pestrof. Brasilia: cecria, 2002.

MEYER, Dagmar Estermann. **Gênero, Sexualidade e Currículo**. In: BRASIL. Ministério da Educação. TV Escola. Salto para o futuro: Educação para a igualdade de gênero. Disponível em: <http://www.tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/163222Edu\_igualdade\_gen.pdf. > Acesso em: 20 de setembro, 2009.

NACHARD, Leni Mércia. **Sexualidade na Escola**. 2010 Artigo. Disponível em: cev.org.br/biblioteca/sexualidade escola. Acesso em 09/11/2011 às 12h45min.

OMS - **Organização Mundial da Saúde**. Disponivel em: <http://www.who.org>. Acessado em: 22/09/2008 as 12h00min.

OUTEIRAL, José Otoni. **Adolescer**: estudos revisados sobre adolescência. 2. ed. Rio de Janeiro - RJ: Reivinter, 2

PAPALIA, D.&Olds, S. (2000). **Desenvolvimento Humano**. (D. Bueno, trad.) Porto Alegre: Artmed (trabalho original publicado em 1998).

PENIN, Sônia T. S; VIEIRA, Sofia. L. **Refletindo sobre a função social da escola**. In: VIEIRA, Sofia Lerche (Org.). **Gestão da escola** – desafios a enfrentar. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 13 a 43.

SUPLICY, Marta. **Adolescente e sua sexualidade**. 2000. Disponível em http://www.psicopedagogia.com.br/entrevistas/entrevista.asp?entrID=3 . Último acesso em 10/2008

TIBA, Içami. Adolesce SOUZA, HáliaPauliv de. **Sexo, energia presente em casa e na escola**. São Paulo: Paulinas, 2002.

\_\_\_\_\_\_\_, Içami. **Adolescentes**: quem ama, educa! São Paulo: Integrare, 2005.

ZIMERMAN, David. **Psicanálise em perguntas e respostas**: verdades, mitos e tabus. Porto Alegre: Artmed 2005.